



DIVERTIMENTOS E PRÁTICAS CORPORAIS NA NATUREZA: REPRESENTAÇÕES NA IMPRENSA PAULISTANA (ANOS 1920)¹

Samuel Ribeiro dos Santos Neto²

RESUMO

A São Paulo dos anos 1920 viu surgir novas representações sobre a natureza. Isso se deu na propagação de divertimentos e práticas corporais ao ar livre. Para compreender de que forma esse processo se articulava a discursos médicos, pedagógicos e publicitários, tivemos como fontes os jornais O Estado de São Paulo e Correio Paulistano. A interpretação mostrou a difusão da ideia de natureza em vários campos, ligada a uma concepção de corpo e ao surgimento de novas sensibilidades.

PALAVRAS-CHAVE: Vida ao ar livre; natureza; práticas corporais.

INTRODUÇÃO

No início do século XX a cidade de São Paulo viu a expansão de formas de divertimento e práticas corporais na natureza. Sobre seus rios, parques, picos e praças, produziram-se novos sentidos. Operou-se uma mudança de olhar dos paulistanos, testemunhas e agentes do crescimento da cidade.

Tal giro de perspectiva produziu novas apropriações dos espaços urbanos e é parte de um processo maior de ressignificação da natureza, ligado à modernização. Para Keith Thomas (1990), houve um gradual enfraquecimento do antropocentrismo que, entre os séculos XVI e XIX, gerou novas sensibilidades em relação aos animais, às plantas e à paisagem.

A vida ao ar livre ganhou interpretações essencialmente urbanas. A cidade produziu uma estrutura de sentimentos e saberes sobre os elementos da natureza, expressa na confluência entre novas práticas de divertimento e discursos legitimadores.

As falas higienistas, pedagógicas e as informações dadas na imprensa confluíram para exaltar o caráter benéfico dessas práticas. Emergiu “uma série de utopias antiurbanas que visavam reformar os modos de se viver em São Paulo” (DALBEN, 2016, p. 92), nas quais intelectuais exaltavam a vida ao ar livre.

Ganharam força os passeios, os piqueniques, os banhos de sol, os jogos ao ar livre. O ar puro, as águas e a luz solar se tornaram meios de “desintoxicação da vida urbana” (SOARES, 2016, p. 20). A natureza forjava corpos robustos, livres

¹ O presente texto não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas (FEF/UNICAMP), s082771@dac.unicamp.br

da doença. Trata-se de relação distinta da que habitara por séculos o Brasil, com temores como os miasmas, os excessos climáticos, as febres (SANT'ANNA, 2011)³. O corpo do século XX não teme os elementos naturais, mas vê no contato com eles a busca da saúde, amparado pela ciência.

Assim, a delimitação do que é natureza é uma construção histórica. A natureza não é, portanto, *natural*. Robert Lenoble (1990, p. 200) afirmou que é só na história que o conceito toma todo o seu sentido: “exprime menos uma realidade passiva que uma atitude do homem perante as coisas”. O mundo físicos e contorna sob o olhar humano no tempo. É conjunção de afetos, raciocínios, discursos e práticas historicamente atreladas.

Nesse sentido, observamos os divertimentos e as práticas corporais na natureza na São Paulo dos anos 1920. Ali se produziam verdades e relações. Uma caminhada nas matas do Jabaquara, onde se inspirava o ar puro sob a luz do sol, dizia respeito a muitos aspectos da vida urbana, que moviam representações mais ou menos estáveis, com espaço na mídia impressa e expressas em colunas, anúncios e ilustrações.

O período escolhido é fértil, em termos de discursos, para olharmos o campo da imprensa. Foi uma década de mudanças. São Paulo se tornava metrópole, a partir do crescimento populacional e econômico, bem como por práticas culturais e debates intelectuais e artísticos (SEVCENKO, 1992). O espaço público e seus usos transformavam-se. Ganhou valor a natureza revisitada no ambiente urbano, ideal de conciliação entre cidade e paisagem, que se expressava em bairros-jardins como Alto da Lapa (1921), Pacaembu (1925) e Alto de Pinheiros (1925), de influência europeia (SEGAWA, 2004, p. 365).

Soares (2016) destaca as referências à importância do ar livre e dos exercícios físicos feitos na natureza, em congressos de higiene e de educação do período. Esse pensamento consolidou-se nos discursos oficiais, penetrou nas concepções pedagógicas. A saúde do corpo era projeto político.

Havia também muitas publicações voltadas aos cuidados corporais, bem como colunas esportivas nos jornais de São Paulo. Os clubes proliferaram-se, e os esportes e as ginásticas ganhavam espaço no imaginário paulistano. Sevcenko (1992, p. 44) aponta, já em 1919, a expansão de práticas e emoções esportivas, noticiadas de forma cada vez mais vibrante.

No contexto de uma nova urbe, em modernização e crescimento, a imprensa – não só a especializada, mas também a grande – realizava articulações discursivas entre natureza, vida ao ar livre e vários interesses: do esporte à escola, da saúde ao divertimento, da beleza à utilidade.

METODOLOGIA

A pesquisa, bibliográfica e documental, baseou-se nas ideias da história cultural. Os conteúdos escolhidos são “vestígios” (BLOCH, 2001) do cotidiano da São Paulo do período. O passado não é um dado pronto, e só ganha sentido no olhar do

³ A autora distingue a ideia de asseio – ligada à medicina hipocrática, na qual o corpo não tinha autonomia – e a ideia de higiene, vinda da ciência moderna. Esta não tratava só da defesa contra os males do ambiente, mas também do domínio e da utilização de seus terapêuticos.

historiador. A pergunta e o método, aplicadas sobre os rastros que resistiram ao tempo, agem sobre a fonte, constituindo-a e interpretando-a.

Analisamos excertos variados e imagens da grande imprensa do período: no Correio Paulistano e n'Ó Estado de São Paulo. Entendemos, como Luca (2010, p. 140), que a imprensa deve ser olhada em seus interesses editoriais, ligados aos grupos políticos que a conduzem. Os dois jornais são expressões da elite paulistana, de suas visões de mundo e projetos culturais.

Nos interessamos por excertos que envolvessem relatos sobre práticas corporais e divertimentos na natureza, como esportes, passeios, piqueniques, banhos de sol, mergulhos, etc. Vimos também a exposição das ideias médicas, intelectuais, pedagógicas e publicitárias sobre a relação do corpo com a natureza (o ar puro, os raios sol, as águas e as matas). Os recortes não eram simples relatos, mas expressões de representações sobre as práticas, carregadas de sentido cultural e histórico.

Entendendo a indissociabilidade entre as práticas e as representações que as engrenavam, nos preocupou olhar os desejos, afetos e percepções representados nos jornais. Esse olhar, como preconizou Corbin (1989, p. 7), precisa ser protegido de um anacronismo psicológico. Agrupando os conteúdos das fontes em suas similitudes, tentamos entender de que modo natureza, corpo e sensibilidades se conjugaram como representação de mundo, historicamente localizada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao ar livre. A expressão se repete nos jornais. Clubes realizavam torneios – futebol, atletismo, tiro, corridas – e eventos variados ao ar livre, como jantares, festas e bailes ao som do *jazz*. De terreno dos maus odores, ventos e miasmas, no século XIX, o ar consolidou-se como elemento de saúde no início do XX.

Em 1925, a União dos Trabalhadores Graphics promoveu um “ótimo festival esportivo ao ar livre” no Parque São Jorge, com provas de ciclismo, natação, atletismo, futebol, além de sessões de cinema, jogos, quermesse, passeios no rio Tietê e apresentações de bandas (O ESTADO DE SÃO PAULO, 02-10-1925, p. 7). O Club Athletico Municipal, tal como outras agremiações, passou a ter piqueniques trimestrais ao ar livre (CORREIO PAULISTANO, 05/12/1926, p. 8).

O ar também era elemento publicitário. O anúncio da *Cia. City*, de venda de terrenos, destacava as qualidades do Jardim América, onde o ar do campo encontrava os confortos urbanos. A proximidade de um “fino club esportivo” era uma de suas vantagens (O ESTADODE SÃO PAULO, 16-11-1928, p. 1). Anúncios da *Forde* xaltavam os passeios de carro, ao ar livre. Produtos como as *Pílulas de Foster para os rin sou* o fortificante *O Próton* propunham-se a cumprir os efeitos que só os bons costumes ao ar livre traziam.

A natureza, além disso, educava. Colégios proeminentes, como o *Gymnasio Anglo-Brasileiro* e o *Liceu Salesiano*, evocavam suas pedagogias e exercícios ao ar livre como atrativos. Numa coluna, o inspetor escolar José Escobar afirma que “o bosque é o habitat natural do adolescente, que a natureza é a sala magna de trabalhos” (CORREIO PAULISTANO, 05/01/1920, p. 2.). Sair dos ambientes fechados, expor a pele, movimentar-se, se tornaram formas de educar corpos saudáveis.

Essa concepção estava nas palavras da cronista Chrysanthé me que, criticando a repressão policial aos trajés de banho nos litorais, afirmou:

Em revistas científicas, em obras pesadas de conselhos, lemos, todos os dias, que a humanidade vive pouco porque se habituou a cobrir demasiado a pelle que precisa do ar, do sol e de frescura para se revigorar e distillar os venenos que encerra. (idem, 19-02-1927, p. 3)

O sol, elemento de saúde. O contato com seus raios, via banhos de sol ou passeios nos parques, tornou-se prescrição. O médico Amphillophio Mello, explicando seus benefícios, caracteriza-o como “um deus da salubridade mundial pelas suas virtudes na prevenção e, também, na cura das doenças” (idem, 08-06-1929, p. 4).

No limite incerto entre informação e publicidade, o Correio Paulistano teve na capao texto intitulado “A moda, agora, é dos banhos de sol...”, o qual destacou, em colagem de fotografias, a adoção da prática por pessoas dos “circulos elegantes da America do Norte e da Europa”, como George Bernard Shaw e o magnata John D. Rockefeller (idem, 21/07/1929, p. 1). Dois meses antes, anunciou-se a inauguração do *Instituto Helio-hydrotherapico Itororó*, “plenamente banhado de sol”, que oferecia não só a exposição terapêutica aos raios solares, mas também banhos de vapor, esportes, esgrima, aparelhos para ginástica, salão para danças e jardins para as crianças (idem, 24/05/1929, p. 6).

Tais conteúdos trazem novas sensibilidades para com os elementos do mundo físico, ressignificados em torno da saúde e da moral, da moda e da beleza, do consumo e da distinção. A apropriação da ideia de natureza foi adotada por múltiplos agentes e se traduziu em formas de divertimentos e práticas corporais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza fabricada pelo discurso das elites encontrou na imprensa um meio de propagação. Os elementos do mundo físico tornaram-se valorizados para definir novos divertimentos, práticas corporais, consumos, enfim, sensibilidades. O contato com o ar fresco, a luz solar, as águas e as matas revelam uma concepção de corpo mais autônomo, distinto do corpo enfraquecido pelas agruras urbanas e do corpo resguardado das antigas elites rurais. Os jornais ofereciam representações constantes dessa concepção. Na ideia de natureza, articulavam-se discursos médicos, pedagógicos e publicitários, revelando dinâmicas culturais definidoras da cidade de São Paulo.

DIVERSIONES Y PRÁCTICAS CORPORALES EN LA NATURALEZA: REPRESENTACIONES EN LA PRENSA PAULISTANA (AÑOS 1920)

RESUMEN: Em los años 1920, La ciudad de São Paulo vio surgir representaciones de La naturaleza. Esto ocurrió en La propagación de diversiones y prácticas corporales al aire libre. Para entender cómo esto se relacionó con el discurso médico, educativo y publicitario, tuvimos como fuentes los periódicos O Estado de São Paulo y el Correio Paulistano. La interpretación mostro La propagación de La idea de naturaleza en diversos campos, relacionada con una concepción de cuerpo y nuevas sensibilidades.

PALABRAS CLAVE: Vida al aire libre; naturaleza; prácticas corporales.

AMUSEMENTS AND BODILY PRACTICES IN THE NATURE: REPRESENTATIONS IN THE SÃO PAULO PRESS (DECADE OF 1920)

ABSTRACT: The São Paulo of the 1920s saw the emergence of new representations of nature. This was built in the propagation of outdoor amusements and bodily practices. To understand how this process was articulated to medical, pedagogical and advertising discourses, we had as sources the newspapers O Estado de São Paulo and Correio Paulistano. The interpretation revealed a diffusion of the idea of nature in various fields, related to a body conception and to the emergence of new sensitivities.

KEYWORDS: Outdoor life; nature; bodily practices.

FONTES

CORREIO PAULISTANO - 1920 a 1929

O ESTADO DE SÃO PAULO - 1920 a 1929

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da história**, ou, o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CORBIN, Alain. **O território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DALBEN, André. Práticas educativas em uma natureza-jardim: a educação extraescolar da cidade de São Paulo, seus parques infantis e colônias de férias (1930-1950). In: SOARES, C. L. (Org.). **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas, SP. Autores Associados: 2016.

LENOBLE, Robert. **História da ideia de natureza**. Lisboa. Edições 70, 1990.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Higiene e higienismo entre o Império e a República. In: DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Orgs.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2011.

SEGAWA, Hugo. São Paulo, veios e fluxos: 1972-1954. In: PORTA, P. (Org.). **História da cidade de São Paulo**: a cidade na primeira metade do século XX 1890-1954. São Paulo: Paz e Terra, v. 3, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOARES, Carmen Lucia. Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940). In: SOARES, C. L. (Org.). **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas, SP. Autores Associados: 2016.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.